

**IMAGINAR, CALCULAR E DEDUZIR EM CONSTRUÇÕES
PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E EUROPEU CONTEMPORÂNEO**

Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)
crystycarvalho@yahoo.com.br

Marta Mascarenhas de Oliveira (UNEB)
marta_fjmmascarenhas@hotmail.com

Eduardo Ferreira dos Santos Almeida (UNEB)
eduardoferreiraef75@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, objetivamos analisar, no português brasileiro (PB) e europeu (PE) contemporâneo, parentéticos epistêmicos com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*, instanciados, no contexto morfossintático de primeira pessoa do singular e presente do indicativo, por microconstruções como (*eu*) *imagino/calculo/deduzo* e *imagino/calculo/deduzo eu*. Como enfoque teórico, seguimos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), numa perspectiva construcional. Do ponto de vista metodológico, realizamos uma abordagem quali-quantitativa dos dados (LACERDA, 2016), partindo da análise de ocorrências empíricas extraídas do PB e PE do *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). Nossos resultados mostram que: (i) as construções estudadas ora marcam opinião do falante/escritor, ora expressam incerteza ou atenuação da informação; (ii) nos dados examinados, há mais ocorrências de parentéticos com valor de opinião; (iii) construções parentéticas epistêmicas com *calcular* e *deduzir* são menos frequentes no PB e PE; (iv) nas duas variedades, o verbo mais empregado como parentético epistêmico é *imaginar*; (v) entre as microconstruções com o verbo *imaginar*, ocorre mais *imagino eu* no PB e PE.

Palavras-chave:

Abordagem construcional. Parentéticos epistêmicos. Variedades do português.

ABSTRACT

In this article, we aim to analyze, in contemporary Brazilian (BP) and European (EP) Portuguese, epistemic parenthetics with the verbs *imaginar* ('imagine', *calcular* ('calculate') and *deduzir* ('deduce'), instantiated, in the morphosyntactic context of the first person singular and present tense, by microconstructions such as (*eu*) *imagino/calculo/deduzo* e *imagino/calculo/deduzo eu*. As a theoretical approach, we follow the assumptions of Use-Centered Functional Linguistics (MARTELOTTA, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), in a constructional perspective. From a methodological point of view, we carried out a qualitative-quantitative approach to the data (LACERDA, 2016), based on the analysis of empirical occurrences extracted from BP and EP of the *Corpus* do Português (DAVIES; FERREIRA, 2006). Our results show that: (i) the constructions studied sometimes mark the opinion of the speaker/writer, sometimes they express uncertainty or attenuation of information; (ii) in the data examined, there are more occurrences of parentheses

with opinion value; (iii) epistemic parenthetical constructions with *calcular* and *deduzir* are less frequent in BP and PE; (iv) in both varieties, the verb most used as an epistemic parenthetical is *imaginar*; (v) among the microconstructions with the verb *imaginar*, *imaginoeu* occurs more in BP and PE.

Keywords:

Constructional approach. Epistemic parenthetics. Varieties of Portuguese.

1. Introdução

Nas línguas humanas, existem construções linguísticas que, quando empregadas nas interações sociocomunicativas, estão associadas ao (des) comprometimento, à (in)certeza do falante com o que enuncia para o seu interlocutor. Tais construções têm sido denominadas de parentéticas epistêmicas na literatura da área.

Construções parentéticas epistêmicas “atuam como construções formulaicas, em que o verbo, ainda que conserve traços de seu significado proposicional, vai adquirindo como principal atributo a manifestação do falante e sua forma de lidar com a interação, com o ouvinte” (FORTILLI, 2015, p. 1069). Nessas construções, ocorrem os chamados verbos cognitivos, que “expressam processos mentais relacionados a raciocínios, percepções e conhecimentos do falante e podem, também, exprimir crenças e posicionamentos diante de um conteúdo” (BARBOSA-SANTOS; FORTILLI, 2019, p. 630).

Segundo as autoras, os verbos cognitivos são subdivididos em processos mentais de percepção, afeição e cognição. Nesse último caso, inserem-se os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*. Percebemos, então, o comportamento dinâmico desses verbos, pois, além de terem a função de encaixar orações completivas, têm funcionado também como parentéticos epistêmicos.

Levando em conta usos observados em contextos reais de comunicação, no presente trabalho, objetivamos analisar, no português brasileiro (PB) e europeu (PE) contemporâneo, construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar* (01), *calcular* (02) e *deduzir* (03), instanciadas no contexto morfosintático de primeira pessoa do singular e presente do indicativo por microconstruções como (eu) *imagino/calculo/deduzo* (que) e *imagino/calculo/deduzo eu* (que).

(01) [...] Penso que você deve preparar um documento com demonstração de a situação atual e de a situação que você imagina chegar caso haja o investimento que vocês imaginou (Plano de Negócio) e começar a apresentar para empresários e pessoas “com grana” as quais **imagino que** vo-

cê já topou por a frente ou já fazem parte de sua rede de relacionamento. [...] (PB, <http://acdematos.wordpress.com/2011/03/09/socio-salvacao-ou-perdicao/>)

(02) Convidaram-nos – eu e mais uns miúdos de o prédio – a entrar e a gente andou para lá a provar copos, **calculo eu**, porque me lembro de, a certa altura, ver tudo a andar a a roda [risos] e de ouvir: “Este miúdo tem que ir a correr para casa, está completamente com os copos [...]” (PE, <http://100mim.wordpress.com/2011/04/12/10-filmes-da-vida-de-benard-da-costa-9%E2%80%93vertigo-1958/>)

(03) [...] Se construir um período complexo em que esteja claro o que ficou subentendido com a utilização de a explicativa, poderia – se –, então, explicitar essa subordinação: “Como o Manuel comprou um carro novo, eu penso (**eu deduzo**) que ele tem dinheiro.”. E a oração subordinada causal (o Manuel ter comprado um carro novo) apresenta o motivo, a causa que me leva a pensar que... [...] (PB, <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=8748>)

Nessa direção, ao elegermos como objeto de análise verbos que, em contextos como os ilustrados de (01) a (03), perdem o estatuto sintático de encaixadores em sentenças complexas e adquirem uma nova função na língua portuguesa, surge a necessidade de entender os mecanismos que explicam esse novo uso. Para tanto, na nossa investigação, valemo-nos do quadro teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que alinha os pressupostos teórico-metodológicos do funcionalismo linguístico de vertente norte americana e os da linguística cognitiva, mais especificamente, aqueles referentes à Gramática de Construções. Por trabalhar nessa interface teórico-metodológica, a LFCU também tem sido denominada como Linguística Cognitivo-Funcional.

Do ponto de vista metodológico, com o intuito de evidenciar os contextos de uso dos parentéticos epistêmicos no PB e PE, realizamos uma abordagem quali-quantitativa dos dados (LACERDA, 2016), partindo da análise de ocorrências empíricas extraídas do PB e PE do *Corpus* do português (Cf. DAVIES; FERREIRA, 2006).

Para contemplar as questões atinentes ao nosso objeto de estudo, estruturamos este texto em cinco seções, além desta introdução. Inicialmente, apresentamos alguns conceitos e fundamentos teóricos da LFCU. Posteriormente, descrevemos aspectos metodológicos da pesquisa, detalhando o *corpus* utilizado e os procedimentos metodológicos adotados. Em seguida, tratamos das construções parentéticas epistêmicas, centrando nossa atenção na sua definição e caracterização. Logo após, procedemos, em viés qualitativo e quantitativo, à análise dos parentéticos com os verbos cognitivos *imaginar*, *calcular* e *deduzir* nessas construções. E por fim, na última seção, tecemos as nossas considerações finais.

2. *Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos e fundamentos teóricos*

Interlocuções entre distintas abordagens teóricas têm sido profícuas no cenário dos estudos linguísticos. Podemos ver um exemplo dessa interlocução no que tem sido chamado de Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), modelo teórico-metodológico que representa uma conjugação de postulados do funcionalismo norte-americano e da linguística cognitiva, no que diz respeito à abordagem construcional da gramática.

O rótulo acima acaba por acentuar um postulado central da própria LFCU: a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (Cf. KEMMER; BARLOW, 2000; BYBEE, 2010). Em outras palavras, assume-se que há uma íntima relação entre estrutura gramatical e uso que os falantes fazem da língua em situações reais de comunicação. Outros postulados assumidos são os seguintes: rejeição à autonomia da sintaxe, inserção de fatores semânticos e pragmáticos nas análises, a não distinção entre léxico e gramática, entendimento de que a língua é maleável (Cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; BISPO; LOPES, 2022).

A LFCU também tem sido denominada de abordagem cognitivo-funcional, o que reforça não só as vertentes teóricas envolvidas na interface, mas também a consideração de fatores cognitivos e interacionais na análise de fenômenos linguísticos:

Nessa perspectiva, são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória [...]. Mas é importante entendermos que esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. (MARTELOTTA, 2011, p. 56)

Na LFCU, a unidade básica da língua é a construção, entendida como pareamento entre forma e função (Cf. CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse pareamento, os aspectos formais remetem a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas e os funcionais, a propriedades semânticas e discursivo-pragmáticas.

Carvalho e Braga (2020), ao analisarem, no português brasileiro e europeu, as construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas, citam as propriedades formais e funcionais dessas construções (como mostra a figura 1). Ressaltamos que, no nosso estudo, essas construções e-

quivalem àquelas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir* que expressam incerteza e atenuação.

Figura 1: Propriedades das construções epistêmicas quase-asseverativas de base clausal verbal.



Fonte: Carvalho e Braga (2020, p. 189).

Sobre as possíveis correlações entre as propriedades elencadas na figura 1, as autoras mencionam as seguintes:

[...] a pausa que costuma acompanhar a construção reforça a hesitação e, por conseguinte, a redução da responsabilidade do falante. Na construção, o verbo de atividade mental na primeira pessoa do singular do presente do indicativo sinaliza uma "atitude" (no caso, de descomprometimento) do falante em relação ao que é dito [...]. A posição – intercalada ou final – da construção parentética no enunciado reflete-se no seu escopo morfossintático e, conseqüentemente, no seu escopo semântico, isto é, no alvo da atenuação [...]. (CARVALHO; BRAGA, 2020, p. 189)

Como podemos observar, a tendência, na versão contemporânea do funcionalismo, é o tratamento incorporado dos eixos função e forma, com base no "pressuposto de que propriedades funcionais e formais se implicam mutuamente" (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 237). Desse modo, rompe-se com a tradição da fase clássica do funcionalismo de se enfatizar apenas o polo funcional na descrição de objetos linguísticos. Assim explicam os autores:

Em vez da primazia do primeiro eixo, como motivador exclusivo do uso linguístico, marcado pela unidirecionalidade *função > forma*, temos hoje destacada a correlação de aspectos funcionais e formais na origem e fixação das categorias linguísticas, traduzida como direcionalidade *função <> forma*. (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 237)

A partir da premissa de que a unidade de análise linguística é a construção, na LFCU, concebe-se a língua como uma rede de construções interconectadas. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), uma rede de construções é composta por quatro níveis construcionais, a saber:

esquemas (que são grupos abstratos, semanticamente gerais de construções – procedurais ou de conteúdo – percebidas (inconscientemente) por usuários da língua como estreitamente relacionadas na rede relacionadas na rede); subesquemas (que constituem conjuntos de construções específicas de comportamento similar em relação a aspectos semânticos e/ou sintáticos); microconstruções (tipos individuais de construções); construtos (ocorrências empiricamente atestadas na fala e na escrita). Na hierarquia proposta pelos autores, esquemas licenciam subesquemas, que são instanciados por microconstruções, atualizadas em contextos reais de fala e escrita por construtos.

Na próxima seção, voltamos a nossa atenção para as construções parentéticas epistêmicas, apresentando algumas de suas características no que tange à sua função e configuração e aos seus níveis construcionais.

2. *Construções parentéticas epistêmicas: definição e caracterização*

Os parentéticos epistêmicos sinalizam o grau de conhecimento, crença ou comprometimento do falante/escritor sobre o que é dito/escrito para o interlocutor (Cf. SILVA, 2014; FORTILLI, 2015; CARVALHO, 2017). Nessa mesma direção, Carvalho e Braga (2020) afirmam:

Parentéticos epistêmicos funcionam, na interação comunicativa, como marcas linguísticas pelas quais o falante expressa o seu julgamento sobre o valor de verdade da proposição e o seu (des)comprometimento em relação a essa verdade (FITNEVA, 2001; GALVÃO, 1999; VOTRE, 2004). (CARVALHO; BRAGA, 2020, p. 170)

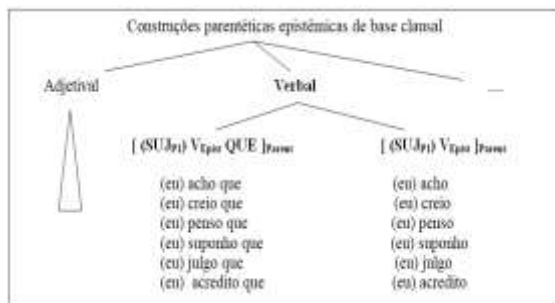
Quanto à sua estrutura, os parentéticos podem exibir diferentes configurações morfossintáticas (Cf. SCHNEIDER, 2007; BRINTON, 2008), podendo ser, por exemplo, de base clausal adjetival (Cf. GONÇALVES, 2015) e verbal (Cf. CARVALHO, 2017). Quando são de base verbal, admitem, na sua rede construcional, diferentes verbos cognitivos empregados na primeira pessoa do singular (P1) e no presente do indicativo. A respeito da relação entre o contexto morfossintático de P1, o emprego de verbos cognitivos como parentéticos e a sua função semântico-pragmática, Fortilli (2015) salienta:

Sempre na 1ª pessoa do singular, esses verbos destacam a atitude do falante quanto ao conteúdo da proposição. A natureza desses verbos revela que o falante tem uma postura defensiva, ou seja, ele anuncia o conteúdo no qual acredita, mas salienta seu comprometimento parcial com essa verdade. (FORTILLI, 2015, p. 1074)

No português, dentre os verbos cognitivos, têm sido recrutados *imaginar*, *calcular* e *deduzir*, que, ao se parentetizarem, perdem sua função de remeter a processos mentais específicos (Cf. BARBOSA-SANTOS; FORTILLI, 2018, 2019). As autoras ainda destacam que os usos como parentéticos acentuam “o traço que expressa significados modais epistêmicos, por evidenciarem **traços de subjetividade e crença do falante**” (BARBOSA-SANTOS; FORTILLI, 2018, p. 228 – grifo nosso).

Quanto à rede construcional dos parentéticos epistêmicos de base clausal verbal, Carvalho (2017) admite dois subesquemas construcionais, como podemos ver na figura 2.

Figura 2: Hierarquia construcional de construções epistêmicas de base clausal verbal.



Fonte: Carvalho (2017, p. 33).

Na explicação da figura 2 fornecida pela autora, os dois subesquemas são $[(SUJ_{P1}) V_{Epist} QUE]_{Parent}$ e $[(SUJ_{P1}) V_{Epist}]_{Parent}$, que licenciam microconstruções como *(eu) achoque* e *(eu) acho*, respectivamente. Devemos observar que a distinção entre esses subesquemas está na presença/ausência da conjunção *que*.

Esteando-se na proposta de Carvalho (2017), Carneiro e Carvalho (2020) e Magalhães e Carvalho (2020), ao examinarem construções parentéticas epistêmicas com inversão de sujeito no português moçambicano e angolano, estabelecem os seguintes subesquemas para essas construções: $[V_{Epist} SUJ_{P1} QUE]_{Parent}$ e $[V_{Epist} SUJ_{P1}]_{Parent}$, que se atualizam em microconstruções como *acho eu que* e *acho eu*. Como será visto na seção 5 deste trabalho, vamos nos valer das duas propostas supracitadas para a análise das construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*.

Na seção a seguir, explicitamos alguns aspectos metodológicos da pesquisa no tocante a *corpus* e a procedimentos utilizados.

3. Metodologia

Para descrevermos, em viés quali-quantitativo (Cf. LACERDA, 2016), o fenômeno linguístico aqui investigado, baseamo-nos em pressupostos metodológicos da LFCU. Nessa direção, examinamos dados empíricos de construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*, que foram extraídos de situações comunicativas reais em que há o processamento de gêneros textuais de fala e escrita pertencentes a distintos domínios discursivos (literário, jornalístico, publicitário, digital, cotidiano, instrucionais).

Sendo assim, como amostra, utilizamos textos falados e/ou escritos das variedades brasileira e europeia do português contemporâneo (mais precisamente, do século XXI), extraídos do banco de dados *Corpus do Português* (Cf. DAVIES; FERREIRA, 2006), disponível em www.corpusdoportugues.org. Dentro desse *corpus*, manuseamos o *web dialetos*⁴⁷, que abarca cerca de um bilhão de palavras e apresenta dados de quatro países onde se fala a língua portuguesa: Angola, Brasil, Moçambique e Portugal. Nessa interface, em relação aos dados da *web*, são destacados os contextos de usos das ocorrências e as páginas/sites onde se encontram as formas/construções linguísticas pesquisadas.

Para observação e tratamento dos dados, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: (i) levantamento e fichamento das primeiras 250 ocorrências com os três verbos analisados no contexto de primeira pessoa do singular e presente do indicativo; (ii) distinção entre sentenças matrizes e parentéticos epistêmicos; (iii) identificação das funções semântico-pragmáticas desses parentéticos; (iv) análise quali-quantitativa dos dados. Na próxima seção, passamos a apresentar os resultados dessa análise.

4. Construções parentéticas epistêmicas no PB e PE: análise dos dados

Na nossa análise, para o mapeamento de alguns aspectos formais e funcionais das construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*, levamos em consideração os seguintes parâmetros: (i) usos das construções parentéticas epistêmicas; (ii) os subesquemas construcionais através dos quais os parentéticos de base clausal

⁴⁷ O banco de dados *Corpus do Português* possui três *corpora*: gênero histórico, *web dialetos* e *now*.

verbal se atualizam (Cf. CARVALHO, 2017; CARNEIRO; CARVALHO, 2020; MAGALHÃES; CARVALHO, 2020); (iii) as microconstruções licenciadas por cada subesquema.

Nos dados empíricos analisados do PB e PE, registramos três usos para os parentéticos aqui investigados: incerteza/suposição (04), atenuação (05) e opinião (06).

(04) a. [...] Ele vazio e..... ele carregado com mais de 300 kg de livros Bem, enchi o porta-malas (1.350 litros com banco traseiro abaixado e 420 litros com ele levantado), como o caro leitor pode observar por a foto, e esse tesouro deve pesar, **calculo eu**, coisa de uns 300 kg ou mais. O motor de o X1 nem deu bola e continuou acelerando forte, e além disso ele se manteve nivelado, não arriou a suspensão e continuou ágil, pregado em o chão, rápido em a cidade. (PB, <http://autoentusiastas.blogspot.com/2013/04/bmw-x1-sdrive-20i-um-crossover-no-jeito.html>)

b. [...] Fiquei, por exemplo, a saber que a minha cidade, Huambo, não é uma de as principais cidades de Angola. E não é porque, **calculo**, foi lá que em o dia 11 de Novembro de 1975 também a UNITA e a FNLA declararam uma outra independência. Ou será por ser uma zona em que há uma espécie menor de angolanos conhecida por o regime como kwachas? (PE, <http://alinhama.blogspot.com/2012/07/o-que-e-preciso-fazer-ter-ou-comprar.html>)

(05) a. [...] Este meme, além de tosco, é completamente vergonhoso. 99 % de estas merdas sequer foram escritas por as pessoas que são atribuídas (e basta uma rápida pesquisada para confirmar), mas tá lá, todo mundo re-passando igual máquina, com um fundo de praia e uma mensagem bonita. 8 – Perfis de jogadores de futebol Este é um completamente nacional, **imagino eu**. É só entrar em o *Facebook* e ver. (PB, <http://alistadelucas.wordpress.com/2013/02/26/10-memes-que-eu-nao-vimoral/>)

b. [...] Desde que me lembro sempre usei um creme (Synalar) para um eczema que me aparece de vez em quando em os braços, aparecia- me imenso em o pescoço (agora já não tanto) e em as zonas laterais de o queixo e testa (este eczema começa a escamar a minha pele, fica vermelho e dá muita comichão, por vezes dói). A minha pele é mista e, portanto, sensível (**deduzo eu**). É raro o creme que uso que não me desperta logo esse eczema (seja em a cara ou em os braços) [...] (PE, <http://makedown88.blogspot.com/2012/07/como-ser-bonita-em-tempos-de-crise.html>)

(06) a. [...] [...] Vai Chover Hoje Urubu (Antônio Rodrigues e Buco do Pandeiro) 11. Lei da Bahia (Bezerra da Silva e Jorge Garcia) 12. Rima de Doê (Bezerra da Silva) Fala, Tiago, deve ter sido uma edição fajutinha, né? Essa, **imagino eu**, deve ser mais caprichada. Ao meu verhoje em dia o maior apelo pra um relançamento é a edição ser diferenciada. Se não for nêgo prefere baixar. (PB, <http://www.blognotasmusicais.com.br/2011/01/discobertas-relanca-albuns-do-tempo-em.html>)

b. [...] Por mim, debatia-me com a temperatura de o vinho. Devia ter servido de aviso, que restaurante que não saiba servir o vinho a a temperatura adequada não pode ter culinária coerente. Para prato principal, escolho uma empada “de várias carnes” que se faz acompanhar, habitualmente, por batatas gratinadas, opção que, **imagino eu**, mereceria a censura de um qualquer nutricionista. Por isso, peço grelos salteados. (PE, <http://afacaafiada.blogspot.com/2011/06/sao-giao-um-equivoco.html>)

Em (04), a incerteza/suposição é marcada pelo teor de dúvida do falante/escritor acerca de uma dada informação. Em (04a), percebemos que o locutor, ao empregar a microconstrução **calculo eu**, não afirma o peso contido com exatidão, mas demarca que se trata de uma possibilidade, podendo ser o peso mencionado ou não; logo passa ao seu interlocutor a ideia de incerteza/suposição. Em (04b), a incerteza incide sobre a data da independência da UNITA e da FNLA: o uso de **calculo** reforça que o falante/escritor não tem certeza de que tal independência aconteceu no dia 11 de novembro de 1975. Ambos os exemplos servem de ilustração da afirmação de Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020, p. 113) de que “contextos relacionados à veiculação de informações associadas não só a tempo mas também a lugar e quantidade de coisas, pessoas favorecem o uso do marcador de incerteza”.

(05) exemplifica casos em que os parentéticos epistêmicos expressam atenuação de alguma informação; nesses contextos, usa-se o parentético como estratégia discursiva para diminuir a força expressiva do que foi dito/escrito, evitando o comprometimento do falante/escritor em relação ao que foi enunciado. Em (05a), o falante/escritor utiliza a microconstrução **imagino eu** como recurso para reduzir sua responsabilidade acerca de seu enunciado, ou seja, suavizar a intensidade de algo mencionado anteriormente: a informação de que o jogador se tratava de um perfil completamente nacional. Em (05b), o exemplo demonstra a relativização do conteúdo anterior: ao se utilizar do parentético **deduzo eu**, a pessoa ameniza a força expressiva da afirmação de que sua pele é sensível.

Sobre a função dos parentéticos epistêmicos de atenuar, relativizar o peso das declarações do falante/escritor, Fortilli (2015, p. 1072) afirma que “os parentéticos de natureza cognitiva cumprem bem esse papel, pois alertam a intenção do outro de não ser categórico, mas flexível quanto à certeza acerca do que pronuncia”.

Nos excertos em (06), atestamos usos de parentéticos que exprimem a opinião do falante/escritor acerca do que foi dito/escrito. No exemplo (06a), o falante utiliza a microconstrução **imagino eu** como forma de expressar seu ponto de vista sobre o fato de a versão atual do filme

“O rei do côco” ser mais caprichada. Em (06b), **imagino eu** também possui valor de opinião, uma vez que o locutor atribui um juízo de valor sobre a possível combinação, como prato principal, de uma empada de várias carnes com batatas gratinadas, demarcando o seu posicionamento diante dessa combinação gastronômica. O uso das expressões *a meu ver* e *por mim* reforça, respectivamente nos exemplos (06a) e (06b), o contexto de opinião em que é empregado o parentético epistêmico **imagino eu**.

No que tange ao uso de parentético como sinalizador de opinião, Barbosa-Santos e Fortilli (2019, p. 642) ressaltam: “O propósito do falante, pela utilização do parentético, é passar ao ouvinte a ideia de que tal afirmação deve ser interpretada como uma opinião, ou seja, não categórica.”. Todavia, ao explicarem uma citação de Neves (2013), advertem que “a expressão de crença, opinião e posicionamento do falante pode aparecer **tanto de forma taxativa quanto de forma relativizada**, uma vez que os enunciados modalizados estão situados entre o certo e o provável” (BARBOSA-SANTOS; FORTILLI, 2019, p. 636 – grifo nosso).

Na amostra, documentamos 268 construtos de parentéticos epistêmicos com *imaginar*, *calcular* e *deduzir*, dos quais 148 são do PB e 120, do PE.

Podemos observar a correlação entre as ocorrências e os usos de parentéticos na tabela 1.

Tabela 1: Distribuição das construções parentéticas epistêmicas de acordo com os seus usos no PB e PE

Verbos epistêmicos	Usos				
		Incerteza/ suposição	Atenuação	Opinião	Total
calcular	PB	3	2	5	8
	PE	14		10	26
deduzir	PB	5	1	8	14
	PE	11	1	11	23
imaginar	PB	31	8	87	126
	PE	26	5	40	71
Total	PB	39	9	100	148
	PE	51	8	61	120

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 nos permitem dizer que, entre os três usos arrolados para as construções parentéticas epistêmicas, predomina o de opinião no PB (100 ocorrências) e PE (61 ocorrências), como ilustram, respectivamente, (06a) e (06b). Em segunda posição, está o valor de incerteza/suposição: 39 e 49 dados no PB (04a) e PE (04b), respectivamente. Podemos constatar que, no tocante ao total de ocorrências, há uma diferença maior entre os usos de opinião e incerteza/suposição no PB do que no PE.

Quanto ao verbo mais empregado nessas construções, destaca-se *imaginar* (05a), (06) nas variedades brasileira e europeia do português: 126 e 71 construtos, respectivamente. Verificamos, ainda, outra convergência nas duas variedades estudadas: *imaginar* ocorre mais com valor de opinião, com 87 dados no PB e 40, no PE.

Interpretamos essa diferença de comportamento entre *imaginar* e os demais verbos (*calcular* e *deduzir*) em construções parentéticas epistêmicas a partir de algumas de suas características semânticas: esses, diferentemente daquele, têm a ver com operações mentais voltadas para o raciocínio e, nesse sentido, estariam mais ligados à razão. Consideramos, então, que traços dos sentidos mais literais de *calcular* e *deduzir* acabam contribuindo para a baixa produtividade desses verbos nas construções aqui analisadas.

Na nossa análise, consideramos a distribuição das construções parentéticas epistêmicas com os três verbos aqui analisados de acordo com os subesquemas construcionais e microconstruções atualizadas nesses subesquemas. Tais resultados se encontram nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2: Distribuição de subesquemas e microconstruções de construções parentéticas epistêmicas com os três verbos analisados no PB

Ver- bos epis- têmi- cos	Subesquemas e microconstruções				To- tal
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] Parent		[V _{Epist} SUJ _{P1} (QUE)] Parent		
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] P	[(SUJ _{P1}) V _{Epist}] P	[V _{Epist} SUJ _{P1} (QUE)] P	[V _{Epist} SUJ _{P1}] P	
calcular	calculo que (1)	eu calculo (3) calculo (1)	calculo eu que (1)	calculo eu (2)	8

deduzir	deduzo que (1)	eu deduzo (2) deduzo (9)		deduzo eu (2)	14
imaginar	eu imagino que (4) imagino que (1)	eu imagi- no (11) imagino (15)		imagino eu (95)	126
Total	7	41	1	99	148

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 3: Distribuição de subesquemas e microconstruções de construções parentéticas e-pistêmicas com os três verbos analisados no PE

Verbos epistêmicos	Subesquemas e microconstruções				
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] Parent		[V _{Epist} SUJ _{P1} (QUE)] _{Parent}		Total
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] _P	[(SUJ _{P1}) V _{Epist}] _P	[V _{Epist} SUJ _{P1} Q UE] _P	[V _{Epist} SUJ _{P1}] _P	
calcular		eu calculo (1) calculo (6)		calculo eu (19)	26
deduzir		deduzo (12)		deduzo eu (11)	23
imaginar	eu imagi- no que (6)	eu imagino (1) imagino (7)		imagino eu (57)	71
Total	6	27		87	120

Fonte: Elaboração própria.

Comparando as tabelas 2 e 3, a primeira observação que podemos fazer é que existe uma maior variedade de microconstruções em relação aos dois subesquemas construcionais no PB do que no PE. Tal constatação se justifica pelo fato de, nos dados do PE, praticamente não terem sido verificadas ocorrências de microconstrução com a conjunção **que**; uma exceção é o registro de **eu imagino que** veiculando uma opinião do falante/escritor (07).

(07) Isso é uma de as estratégias dramáticas de este tipo de teatro, nunca permanecer muito tempo em o mesmo sítio, porque cria interesse, cria variedade

e confere dinâmica a a ação. Será importante acrescentar que todas estas considerações que venho fazendo se baseiam em aquilo que **eu imagino que** seriam as representações originais realizadas em o Teatro do Bairro Alto. Um facto curioso é que em as minhas abordagens a o teatro de o Judeu nunca me apetece fazer algo muito experimental, mas antes imaginar como seria a representação original e a partir de aí... Mas isso será certamente, em grande medida, consequência de o facto de sabermos só alguma coisa, estando longe de sabermos tudo sobre esse teatro. (PE, <http://www.thewalkingdeadportugal.com/entrevistas/elenco-the-walking-dead-fala-sobre-o-que-podemos-esperar-para-o-resto-da-terceira-temporada/>).

Entre as microconstruções atestadas no *corpus*, podemos perceber que a mais utilizada por brasileiros e portugueses é **imagino eu**, com 95 e 57 ocorrências, respectivamente. Notamos que há uma maior frequência de uso dessa microconstrução no PB do que no PE. Ademais, a microconstrução **imagino eu** é bastante empregada para expressar opinião. Nesse tipo de subseqüencia construcional, em que o sujeito pronominal está posposto, como bem lembra Carvalho (2019, p. 15), “(...) o uso do parentético, do ponto de vista pragmático, parece reforçar para o interlocutor que o que está sendo dito é uma opinião do falante”. Nessa mesma direção, Fortilli (2015, p. 1073) considera que “esse artifício é analisado como mais uma marca de subjetividade do falante, que pontua o cunho pessoal que a informação tem”.

Com a descrição aqui efetuada das construções parentéticas epistêmicas em estudo, atestamos algumas convergências em relação ao uso, verbo e microconstrução mais mobilizados.

5. Considerações finais

Neste trabalho, norteando-nos por pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, descrevemos construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir* a partir de dados empíricos das variedades brasileira e europeia do português contemporâneo.

Como resultados da análise quali-quantitativa realizada, evidenciamos, na amostra examinada, usos dos parentéticos epistêmicos com *imaginar*, *calcular* e *deduzir* como marcadores de incerteza/suposição, atenuação e opinião. Nos dados analisados, houve mais ocorrências de parentéticos com valor de opinião, seguido do valor de incerteza/suposição. Ressaltamos que a diferença encontrada entre esses dois usos foi maior no PB do que no PE.

Constatamos, ainda, uma diferença de produtividade entre os três verbos epistêmicos aqui estudados. Parentéticos epistêmicos com

calcular e *deduzir* são menos frequentes no PB e PE quando comparados com outros verbos cognitivos, por exemplo, *achar* e *crer*, que, conforme estudos de Carvalho e Braga (2020) e Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020, 2021), se mostram mais produtivos nas construções epistêmicas nas variedades brasileira, angolana e moçambicana do português. Na nossa pesquisa, entre os três verbos considerados, *imaginar* foi o mais empregado. Entre as microconstruções com esse verbo, ocorreu mais **imagino eu** (com valor de opinião) tanto no PB como no PE.

Devemos observar que, embora *imaginar*, *calcular* e *deduzir* façam parte da classe dos verbos cognitivos, possuem, do ponto de vista semântico, nuances de significados quando pensamos nos seus sentidos mais literais: podemos dizer que os primeiros, diferentemente do último, estão mais vinculados a operações mentais voltadas para o raciocínio e, nesse sentido, estariam mais ligados à razão. Nesse caso, estamos assumindo essa característica semântica como uma possível explicação para os verbos *calcular* e *deduzir* não serem tão mobilizados nas construções parentéticas epistêmicas.

Os nossos resultados permitem entrever algumas tendências intralinguísticas entre o PB e PE no que diz aos usos das construções parentéticas epistêmicas com os verbos *imaginar*, *calcular* e *deduzir*. Assim, neste texto, ao cotejarmos dados empíricos das variedades brasileira e europeia do português, buscamos contribuir para os estudos comparativos mudança linguística em perspectiva construcional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA-SANTOS, Letícia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. A analogia nos processos de mudança de verbos cognitivos no português brasileiro. *Caderno Seminal Digital Especial*, Rio de Janeiro, n. 30 v. 30, jan-dez/2018, p. 225-247.

_____; _____. Aspectos semânticos dos verbos cognitivos *deduzir* e *calcular* no português. *Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 2, p. 629-47, São Paulo, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2199/1817>. Acesso em: 16 nov. 2021.

BISPO, Edvaldo Balduino; LOPES, Monclar Guimarães. *Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Natal: UFRN, 2022.

BRINTON, Laurel J., *The comment clause in English: syntactic origins and pragmatic developments* (Studies in English Language). Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARNEIRO, Antonio Ralf C; CARVALHO, Cristina dos Santos. Parentéticos epistêmicos do padrão construcional [V^{Epist} SUJ_{P1}(QUE)]_{Parent} no português moçambicano contemporâneo. In: XXIV JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Salvador, UNEB, 2020.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: variação e mudança*. Projeto de pesquisa. Conceição do Coité, UNEB, 2019.

CARVALHO, Cristina dos Santos. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 27, n. 55, p. 17-41, Niterói, 2017.

CARVALHO, Cristina dos Santos; BRAGA, Maria Luíza. Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: uma visão construcional. In: CARVALHO, C. dos S.; LOPES, N. da S.; RODRIGUES, A. (Orgs). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 169-99

_____; CARNEIRO, Antonio Ralf C.; MAGALHAES, Wesley Silva. Construções parentéticas epistêmicas no português angolano e moçambicano: convergências e divergências. *Estudos de língua(gem)*, v. 18, n. 1, p. 105-23, Vitória da Conquista, jan-abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6100>. Acesso em: 01 mai. 2021.

_____; _____. Um estudo sociofuncional dos parentéticos epistêmicos quase-asseverativos em variedades do português. *Estudos da Língua(gem)*, v. 19, n. 4, p. 109-32, Vitória da Conquista, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/8651>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory intyological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, Mar; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 23 out. 2019.

FORTILLI, Solange de Carvalho. Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito. *Revista Philologus*, ano 21, n. 61: *Anais do VII SINEFIL*. Rio de Janeiro: CíFEFiL, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.I; KEMMER, S. (Ed.). *Usage based models of language*. Stanford: CSLIPublications, 2000. p.vii-xxv

MAGALHAES, Wesley Silva; CARVALHO, Cristina dos Santos. Parentéticos epistêmicos do padrão construcional $[V_{\text{Epist}} \text{SUF}_{\text{P1}}(\text{QUE})]_{\text{Parent}}$ no português angolano contemporâneo. In: XXIV JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Salvador, UNEB, 2020.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem). Cap. 3: Gramaticalização e lexicalização. p. 91-117

NEVES, Maria Helena Moura. *Texto e gramática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 60 (2), p. 233-59, São Paulo, 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>. Acesso em 10 dez 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 278

SCHNEIDER, Stefan. *Reduced parenthetical clauses as mitigators: a corpus study of spoken French, Italian and Spanish*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. (Studies in Corpus Linguistics, v. 27)

SILVA, Josiana Aparecida da. *Modalizadores epistêmicos parentéticos na fala de Chapecó-SC*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguística) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, 2014. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/54>. Acesso em: 30 ago. 2022.